

Sistemas garantiram a preservação dos solos em São Gabriel

GUSTAVO GHISLENI/AFP/JC

O investimento em tecnologia, a partir da implantação de técnicas de plantio direto e manejo biológico do solo garantiu que boa parte das lavouras da Estância Cerro d'Ouro, da Eça Agropecuária Familiar, de São Gabriel, se mantivessem viáveis, mesmo diante da enxurrada que prejudicou o setor primário do município.

Segundo o diretor técnico operacional da Eça Agropecuária Familiar, Murilo Teixeira Gonçalves, as perdas foram mínimas em relação à região que, no geral, foi severamente impactada. "Com o uso de tecnologia, conseguimos aumentar a taxa de infiltração de água nas lavouras, o que possibilitou menos perda de solo, de fertilizantes e de material orgânico. Isso nos leva a refletir sobre a importância de fazer um plantio direto bem feito", explicou.

Com a manutenção do sistema de raízes das plantas, foi possível preservar a parte orgânica do solo, a mais rica. Daí a importância de sempre ter alguma planta ocupando a lavoura. "Isso também faz com que a gota da chuva não incida direto no solo e quebre essa energia na massa da folha da planta que esteja cobrindo a área. Então, manter o solo coberto pelo máximo de tempo proporciona uma taxa de infiltração melhor e menos perdas por erosão".

O uso de manejo biológico dos solos também foi determinante para manutenção do mesmo, pois trabalha com uma grande diversidade de informação em termos de DNA para o sistema, que se torna mais "resiliente". "Uma planta que é acostumada com determinado defensivo acaba diminuindo a diversidade de DNA, pois seleciona poucos grupos. Com o manejo biológico, trazemos mais informação para o sistema, tornando a planta mais rústica e mais resistente", diz Gonçalves.

O uso de novas tecnologias está no sangue da família Gonçalves, que há cinco gerações administra a Estância Cerro d'Ouro. Desde os primórdios do século passado, já eram utilizadas modernidades para a época, como energia eólica, água encanada e luz elétrica. "Meu bisavô comprou as terras há



Elevação do nível das águas fez com que cidades inteiras, com suas áreas urbanas e rurais, ficassem submersas por semanas, causando muita destruição

mais de cem anos e sempre foi um pioneiro, trabalhando essencialmente com pecuária. É uma tradição da nossa família ter novas tecnologias e introduzir sustentabilidade no sistema", afirma Gonçalves.

O produtor conta que a geração dos pais dele introduziu a cultura da soja sob o sistema plantio direto. "Ideia que eu considero a mais disruptiva que já existiu no agronegócio, que consiste em manter o solo coberto e fazer rotação de cultura para aumentar a vida do solo, explica. O agricultor relata que já pegou esse sistema funcionando, focado em soja e pastagens perenes, mas com pouca disponibilidade de milho.

Resolveu, então, estudar a parte física do solo, a capacidade de armazenamento de água no solo, água disponível e água útil para saber como isso funcionava. "Depois, eu fui para o final do tripé, que é a parte biológica, e hoje estamos trabalhando em um sistema regenerativo, no qual temos agricultura e pecuária dentro de um sistema de produção não baseado mais em uma atividade, mas sim no sistema de produção analisando o solo

como a base de todo esse processo já que a gente sabe que a maior diversidade de informação está nele e trabalhando com policultivos e insumos biológicos".

Gonçalves conta que, para o desenvolvimento do trabalho na propriedade, usa diversos softwares e agricultura de precisão desde 2008, além de drones e plataforma de monitoramento como o Climate FoodView. "Temos monitores de coleta, que permite saber o que e onde estamos produzindo, tentamos trabalhar com o que tem de última tecnologia".

Sobre a dificuldade de formação de mão de obra para operar essas tecnologias, o administrador diz que todo produtor que está na vanguarda sente a dificuldade de reeducar o pessoal. "Temos empresas parceiras que nos ajudaram nessa missão de formação e sempre demos cursos para nossos colaboradores para que eles fossem introduzidos na tecnologia".



Murilo diz que a tecnologia permitiu que as lavouras se mantivessem viáveis, mesmo com as intensas enxurradas



MURILO TEIXEIRA/ARQUIVO PESSOAL/JC